

TURISMO E FAZER ANTROPOLÓGICO – VIAGENS ENTRE BRASIL E ITÁLIA

TOURISM AND MAKE ANTHROPOLOGY – TRIPS BETWEEN BRASIL AND ITALY

Ana Paula Feitosa¹

RESUMO

Conexões contemporâneas entre turismo e cultura, vivências de práticas interculturais, impressões de uma turista/viajante/pesquisadora utilizando-se da escrita autobiográfica e tendo como foco central o deslocamento e a experiência em terras italianas. Uma rede tecida considerando o aprendizado de uma segunda língua: a língua italiana, na qual, intrinsecamente veicula conteúdos, promove descobertas e leva a uma inevitável reflexão sobre a forma de ser do sujeito. As viagens sejam elas horizontais (deslocamento geográfico) ou verticais (para dentro de si mesmo) parecem ser, portanto, parte integrante de um fazer antropológico.

Palavras-chave: turismo, antropologia, viagem.

ABSTRACT

Contemporary connections between tourism and culture, practices of intercultural experiences, impressions of a tourist/traveler/researcher using the autobiographical writing and with the central displacement and land experience in Italy. A network made considering the learning a second language: the Italian, in which inherently conveys content, promotes discoveries and leads to an inevitable reflection about how to be the subject. The trips, both horizontal (geographical displacement) or vertical (inside of himself) seem to be therefore an integral part of doing anthropology.

Key-Words: tourism, anthropology, trip.

¹ Pós-doutora em Antropologia do Turismo - Università degli Studi di Padova. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia. Endereço: Rua Prof. Severo Pessoa, 340\21 Federação - Salvador - Bahia - Brasil - CEP: 40210-700. E-mail: donanaturismo@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Apresento-lhes um trabalho construído a partir de uma visão antropológica do Turismo, onde o sujeito e o objeto de estudo, são experiências de viagens para terras italianas, em diversos momentos da minha vida acadêmica como estudante da língua italiana, doutoranda, estágio no exterior, professora pesquisadora e pós-doutoranda em antropologia do turismo.

A construção contemplou e promoveu interfaces com a interculturalidade, o aperfeiçoamento de uma segunda língua, impressões de uma turista /viajante/ pesquisadora utilizando um discurso e, conseqüentemente, uma escrita autobiográfica.

A proposta aqui apresentada tem a intenção de somar-se aos olhares que, contemporaneamente, buscam ampliar focos, estabelecer conexões, atingir áreas pouco ou nada exploradas do fenômeno turístico. Entre eles não existe uma concordância obrigatória, mas, antes, paralelos, interfaces, pontos de partida comuns com desdobramentos distintos, convergências e por vezes, divergências.

Além do mais, para quantos a viagem não significará sair de sem necessariamente chegar a, ou simplesmente viajar através da leitura?

DESENVOLVIMENTO

Na história da humanidade, o ato de viajar tem se constituído como uma pratica constante e se faz presente nas diversas formas de sociedades sejam elas clãs, impérios, nações.

A viagem, sem dúvida, acolhe dentro de si diversos significados e, os(s) sentidos(s) atribuídos aos viajantes vem se transformando ao longo do tempo.

Na antiguidade, os viajantes vagavam por mundos desconhecidos, por desígnio dos deuses e do destino e, ao longo do tempo, tem deixado seus registros na forma de relatos, contendo suas impressões depois de terem entrado em contato com o cotidiano e a cultura dos locais visitados.

No mundo moderno, a viagem torna-se uma atitude que propicia prazer e passa a ser fruto de uma volição pessoal (Ortiz, 1995), surgindo assim uma nova

forma de enxergar o mundo, e promovendo a expansão das fronteiras culturais. Essa expansão que foi iniciada e estimulada pela prática de viagens dos jovens da aristocracia inglesa, época denominada de Grand Tour² das classes privilegiadas e datada dos séculos XVII e XVIII, juntamente somadas às transformações das relações sociais que levaram às conquistas dos trabalhadores urbanos em termos de redução da jornada de trabalho, de descanso e férias remuneradas no século XIX, além do desenvolvimento das tecnologias de comunicação e dos meios de transporte, já no século XX, instituíram a re-significação e o alargamento do conceito de viagem, e resultou no que atualmente chamamos de Turismo.

O Turismo tem-se apresentado como um fenômeno capaz de promover o encontro e a articulação entre os povos, transformando, por sua vez, cenários a partir das oportunidades e ameaças percebidas na realidade socioeconômica, histórico cultural e até mesmo política de uma localidade. É uma ação especial que envolve a viagem, promove o ato de viajar e amplia a possibilidade de opções dos viajantes. A idéia da viagem, real ou imaginária – que sempre surpreendeu a fantasia humana –, aglutina, assim, um leque de experiências tão variadas como a dos grandes navegantes, das migrações e culturas de diáspora, dos antropólogos, dos literatos, das estacionárias (imagem virtual), dos “pacotes turísticos”.

Mas o que distingue o turista do viajante? A atitude daquele que viaja, apresentando uma certa abertura para perceber as coisas, exercitando a observação e promovendo uma interação com o diferente.

Contudo, o Turismo e suas implicações sociais, econômicas, espaciais e culturais tornaram-se objeto de estudo sistemático apenas quando de sua transformação em elemento de consumo de massa, e vale a pena ressaltar, com ênfase especial em suas características técnicas e operacionais, e mesmo econômicas (Barretto, 2000).

O caminho para a afirmação da legitimidade do Turismo como tema de estudo acadêmico vem ocorrendo de maneira gradual, e o paradoxo é que uma grande maioria da comunidade científica ainda resiste em reconhecê-lo como uma ciência com seus sujeitos e objetos de estudo e isto ocorre, dentre outras razões,

² Francis Bacon considerava o viajante do Grand Tour como um mercador da luz, experiência de um turista que vai ao exterior para alargar os conhecimentos (Brito, 2005).

porque via de regra, seu crescimento tem ocorrido ao sabor do mercado, dos interesses dos grandes capitais nacionais e internacionais, sem levar em conta os demais fatores sociais, culturais, educacionais a exemplo de uma maior participação das comunidades envolvidas e pessoas afetadas.

No campo da antropologia, afirma Soares (2005) que a transformação do turismo em objeto de estudo deu-se com um razoável “atraso” em relação a outras áreas do conhecimento, como administração, economia, geografia e história, não por conta dos antropólogos estarem inconscientes quanto ao papel e aos efeitos do turismo, mas, sobretudo por fatores internos à comunidade acadêmica que consideravam a temática pouco apropriada ao debate antropológico.

E segundo Labate (2001,60):

O tema das viagens em geral, e do turismo em particular, não tem sido suficientemente explorado na tradição das ciências sociais. Quando pensamos em viagem, inevitavelmente despontam, de algum modo, imagens inerentes à própria idéia do que seja antropologia: a noção de viagem está presente no imaginário da disciplina enquanto tal; existe um parentesco entre viajar e o fazer antropológico. (grifo da autora) O próprio mito de origem da disciplina está ligado à idéia de viagem: dos primeiros viajantes informantes do século XVII ao postulado Malinowskiano da pesquisa de campo como um deslocamento em busca do outro.

As viagens, sejam elas horizontais (deslocamento geográfico) ou verticais (para dentro de si mesmo) parecem ser, portanto, parte integrante do ofício do antropólogo. Seus significados, usos e limites não terminam por aí e “o que a idéia de viagem pode nos ensinar a respeito da natureza da própria cultura?” (Clifford, 1992). O autor pergunta ainda “de que modo a cultura é também um lugar de viagem para os outros?” Assim, a viagem, incontestavelmente, é uma boa metáfora para pensar a cultura. A cultura, na sua complexidade, apresenta representações do mundo, promove relações sociais e desenvolve vínculos identitários.

Muitas e diversas são as motivações dos turistas, os quais viajam para conhecer e desfrutar da natureza, em busca de instrução, pelo esporte, para relaxar, pela fé religiosa, em busca de aventura, para fazer negócios, etc...

Assim, esse trabalho foi desenvolvido baseado num tecer de cunho antropológico que pretende proporcionar interfaces entre turismo e cultura e a partir daí apresentar novas formas de leitura e conhecimento do mundo. O conceito e

sentido de interface presente em Barretto (2001), apresenta-se como fronteira compartilhada que, por sua vez, são tratados como interseções circunstanciais de redes ou teias que se entrelaçam em determinado momento, sem que isso impeça a continuação de sua existência independente.

Cabe, pois, seguir na construção do conceito de cultura, além de estabelecer os laços que situam cada um de nós em uma posição concreta entre os semelhantes e nos proporcionam também o sentido de pertencimento a âmbitos ou configurações de relações sociais, acadêmicas, culturais. Não sei se é exatamente dessa forma que os conceitos, sejam eles científicos ou não, basicamente se desenvolvem. No entanto, essa forma se confirma no caso do conceito de cultura, em torno do qual surgiu todo o estudo da antropologia e cujo âmbito essa matéria tem se preocupado cada vez mais em limitar, especificar, focar e conter.

A partir da imagem metafórica do tecer que proponho, e inspirada em encontrar o desenho certo na tapeçaria de meus escritos, apresento o conceito de cultura de Geertz (1989, 15):

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Assim, como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos, ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível.

Essa descrição, denominada de etnografia, é o que legitima a análise antropológica como forma de conhecimento e praticar a etnografia é, dentre outras coisas, travar relações entre o eu e os diversos tu, entre o nós e os eles, estabelecer conexões, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, etc...

Visto sob esse ângulo, o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano.

O etnógrafo inscreve, anota e descreve o discurso social e, na seqüência, o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento

de ocorrência, em um relato, em um “dito” que pode ser consultado novamente. É o enunciado que a escrita automaticamente fixa. No entanto, afirma Geertz (1989,34):

O pecado obstruidor das abordagens interpretativas de qualquer coisa – literatura, sonhos, sintomas, culturas- é que elas tendem a resistir, à articulação conceptual e, assim, escapar a modos de avaliação sistemáticos. Ou você apreende uma interpretação ou não, vê o ponto fundamental dela ou não, aceita-a ou não. Aprisionada na imediação de seu próprio detalhe, ela é apresentada como autovalidante ou, o que é pior, como validadas pelas sensibilidades supostamente desenvolvidas da pessoa que a apresenta; qualquer tentativa de ver o que ela é diferente do seu próprio é vista como um travesti – como etnocêntrico, o termo mais severo do antropólogo para o abuso moral.

Assim, a dimensão essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à disposição as respostas que outros deram e a cultura não é só um corpus de artefatos, mas também uma rede de senso, um repertório de princípios, um modo para ver o outro (Mantovani, 2005). De outra parte, estou convicta que o ponto de vista do outro, a narração do outro sobre nós, seja a quarta parede da nossa identidade.

Todavia, deve se deixar claro que a identidade pessoal é não só um bem individual, mas também social porque o indivíduo constrói sua identidade com o material do outro, no confronto, na relação: ninguém pode adquirir a própria identidade sozinho. Neste sentido, a identidade cultural é um lugar de formação da ligação social e política, nós confrontamos a nossa diferença e semelhança com os outros (Nanni, 2005,136).

Falar de outros é também fazer referência a outras culturas ou, ir além do plural de cultura. É um panorama com diversos esquemas étnicos, onde imigrantes, turistas, refugiados, exilados, extracomunitários, trabalhadores de estação e outros, baseiam seu olhar sobre o movimento e dentro de uma postura híbrida e assim, a cultura não é mais recortada em regiões, espaços, territórios rigidamente definidos.

Mesmo com o crescimento dos deslocamentos e das viagens, e ainda que as dimensões dos seus fenômenos sejam limitadas; o turismo, as migrações, os êxodos e as diásporas são processos cada vez mais relevantes do mundo contemporâneo. É importante colocar que tal processo não determina a extinção da cultura, mas a sua modificação, sua adaptação, o seu cruzamento com uma rede

sempre mais global. A atual mobilidade humana sobre o planeta, os movimentos de populações que migram de uma margem à outra dos vários continentes, estão redesenhando o mapa da humanidade com suas culturas, etnias e religiosidade.

E assim, nessa contemporaneidade, vivenciamos a emergência da idéia de intercultura que, acredito, deve ser utilizada não somente como um plano de estratégia política num mundo globalizado, mas, sobretudo, como maneira de ver o mundo onde os grupos humanos, em presença recíproca sobre o mesmo território, se encontram e interagem: misturam a língua, os costumes, os símbolos, os corpos.

Na opinião de Nanni (2005,49) “a interculturalidade é um movimento de reciprocidade. O prefixo inter quer dizer troca, interação e ainda superação do processo unilateral de transmissão do saber. A verdadeira interação cultural estimula o sujeito a abrir-se ao “decentramento” e à circulação dos pontos de vistas”.

Portanto, a cultura que é sempre dinâmica e plural e apresenta uma forma “porosa e permeável”, cabe ser utilizada em um contexto de interculturalidade, e a idéia de se falar de culturas que se encontram está sendo revisitada, pois, me parece mais coerente falar de homens que veiculam uma certa cultura e que se encontram.

RESULTADOS

A partir de um tecer antropológico e por si entrelaçado - num tecido intercultural e numa escrita autobiográfica – o resultado final desse trabalho se traduz em apresentar experiências (acadêmicas, vivenciais, culturais) em forma de textos acadêmicos.

O aprendizado de uma língua estrangeira na sua cultura de origem foi fator preponderante nessa experiência e deve ser refletido, já que, numa relação dialética, a língua produz cultura e a cultura produz a língua. Assim, o aprendizado de uma língua que intrinsecamente veicula conteúdos, promove descobertas e leva a uma inevitável reflexão sobre a forma de ser do sujeito, passa a ser elemento constitutivo dessa rede que está sendo tecida juntamente com as áreas de turismo, cultura, viagens, escrita autobiográfica etc... e pode ser definida como mais uma fronteira compartilhada.

Na perspectiva de seguir apresentado os resultados deste trabalho, num sentido mais amplo, e inspirada em Ianni (2000) o sentido de “viagem tem sido freqüentemente invocada como metáfora do próprio trabalho intelectual.”

Aprofundar as interfaces entre culturas tendo como base a pratica da educação intercultural que pressupõe desejos, projetos, experimentos; optar pela centralidade do prefixo inter (de intercultura) em detrimento da ambigüidade do prefixo multi (de multicultural); foi o resultado do texto intitulado A Intercultura como metáfora pedagógica.

A relação dialética entre identidade e alteridade, expectativas e resultados, aponta para uma pista antropológica interessante: o dispositivo da reflexividade. Numa viagem (e aqui a viagem foi de caráter vertical, ou seja, para dentro de si, como explicitado anteriormente), a capacidade de perceber a si mesmo e de perceber o outro é estimulada, na medida em que se entra em contato com o diferente, com o não familiar, com a escuta sensível do(s) outro(s), promovendo a construção social da pessoa.

Considerando e resguardando o Turismo como área de conhecimento, é importante dizer que o foco desta proposta foi a relação travada e desenvolvida com o(s) outro(s), os estranhamentos e as identificações promovidas pelos deslocamentos geográficos e a experiência subjetiva dos envolvidos onde resultou em historias cotidianas de imigração.

Diante disso, o resultado do presente trabalho tem sido a abertura de mais um espaço analítico qualificado para aprofundar, discutir, apresentar questões relativas à Antropologia do Turismo: viagens entre Brasil e Itália.

O desafio posto: promover reflexões sobre questões não traduzíveis em simples dados e informações operacionais, e que avancem na perspectiva da diversidade e identidade cultural, das interfaces entre as culturas, da ética, da qualidade de vida.

Para Nash (1996) uma investigação antropológica do turismo não deve confinar ou se restringir (grifo meu) a situações de contato cultural, mas em compreender os fenômenos nos locais onde ele ocorre. Somou-se ainda para este trabalho, Revisões de Literatura na área de Turismo, Cultura e Escrita Autobiográfica (tanto na língua portuguesa como na língua italiana) favorecendo assim, a ampliação

da concepção e prática do trabalho que a partir da metáfora da teia e sua tessitura ganham um maior suporte epistemológico e metodológico.

CONCLUSÕES E SEUS MECANISMOS DE TRANSFERÊNCIA

Conexões contemporâneas entre turismo e cultura, vivência de práticas interculturais, o exercício de uma escrita autobiográfica tendo como foco central o deslocamento e a experiência em terras italianas.

Se, segundo Barretto (2005) “a viagem está intimamente ligada ao mito do eterno retorno”, é hora de retornar e prestar contas às instituições apoiadoras assim como à sociedade e à comunidade acadêmica, ativando mecanismos de transferências do que foi construído, sejam em forma de palestras, conferências. E assim contribuir com discussões acadêmicas, pouco ou nada exploradas, do fenômeno turístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAO, Maria Helena Mena Barreto (org). **A Aventura Autobiográfica**: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BARRETO, Margarita. BANDUCCI Jr, Álvaro. (org). **Turismo e Identidade Local**: Uma visão antropológica. Campinas: Papyrus, 2001.

CLIFFORD, J. **A Experiência Etnográfica**. Antropologia e Literatura no séc. XX. RJ: Editora da UFRJ, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, S. **A questão da identidade cultural**. Textos didáticos n.18. Campinas: IFCH – Unicamp, dezembro de 1995.



IANNI, Octavio. A Metáfora da Viagem. In: **Enigmas da Modernidade**: Mundo. RJ: Civilização Brasileira, 2000.

LABATE, Beatriz Caiuby. A Experiência do “viajante - turista na contemporaneidade” In: LEVI-STRAUSS. “Partida”. In: **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NANNI, Antonio&CURCI, Stefano.**Buone pratiche per fare intercultura**. Bologna: Collana Interculturarsi, 2005.

NASH, Dennison. **Antropology of Tourism**. Oxford: Elsevier, 1996.

ORTIZ, Renato. A Viagem, o popular e o outro. In: **Um outro território**: Ensaios sobre a mundialização. São Paulo: Olho D’água, 1997.

SERRANO, Célia(org) BRUHNS, Heloisa Turini. TRIGO, Luis Gonzaga Godoi. **Turismo e Qualidade**: tendências contemporâneas. Campinas: Papirus, 1996.

URRY, John. **O Olhar do Turista**. Lazer e viagens na sociedade contemporânea. São Paulo: Studio Nobel: SESC,1996.